

Carta de Uma Mãe para o Seu Filho

Sabias que Crescer faz Doer

Há coisas boas que doem!

Disseste tu um dia, para me tentares convencer a deixar-te andar nos carrinhos de choque. Eu não queria que tu andasses porque te podias magoar e isso não era bom. E tu, muito sabiamente, mostraste-me o quanto eu, tantas vezes, digo e faço coisas contraditórias. Se por um lado eu te quero proteger sempre de tudo o que te possa fazer mal ou magoar, por tudo o que te possa ameaçar seja de que maneira for, por outro lado quero que tu cresças.

E no meio disso, esqueço-me que crescer dói.

Tens toda a razão!

Há coisas boas que doem. Eu confio em ti e no teu sentido de auto-protecção e, sim, podes andar nos carrinhos de choque!

Não penses que por ter chegado a esta conclusão agora te vou deixar fazer todas as loucuras que às vezes te passam pela cabeça e que possam pôr em causa a tua segurança. Mas, dentro de limites sensatos (e lamento dizer-te, mas continuo a ser eu a definir quais são esses limites sensatos), percebi que tinhas razão.

Se eu te quiser proteger sempre de tudo e de todas as dores, não te estou a ajudar a crescer.... E embora eu saiba que vou continuar a proteger-te sempre e o mais que conseguir, também sei que tenho que te ajudar a explorar novos caminhos, porque é assim que tem que ser.

As mães querem proteger os filhos e os filhos querem ser protegidos pelas mães. Mas só nalgumas coisas. E o que acontece entre mães e

filhos, sobretudo na adolescência, é que não se entendem nesse aspecto. Os filhos querem ser protegidos a nível emocional, querem ser acolhidos nas suas tentativas de descobrir quem são e na sua vontade de conhecer novos mundos. O problema é que as mães querem protegê-los de tudo o que esses novos mundos possam trazer e não acham muita graça a mudanças, sobretudo se os filhos começam a ter interesses em coisas de que elas, nem nunca ouviram falar. E depois não falam uns com os outros, não tentam partilhar os novos universos que para as mães são estranhos e que os filhos acham que elas nunca vão entender. E o mundo das novas tecnologias, das novas tendências musicais, dos desportos alternativos e das linguagens incriptadas vai sendo construído em forma de muro, em forma de uma nova linguagem onde os dois não conseguem comunicar.

As mães sentem-se de parte, os filhos sentem-se à margem...

As mães acham que os filhos já não confiam nelas por não verem os mesmos milhões de perigos que elas vêm numa ida à discoteca e os filhos acham que as mães já não confiam neles porque já nem conversam como conversavam, já não os ouvem e olham como quando eram pequeninos, como quando tudo o que diziam era uma gracinha! As novidades deles, agora, são os medos delas!

Ao olhar este cenário que já vi tantas vezes, inclusive durante a minha adolescência com os meus pais, só me ocorre perguntar... Porque é que tantas pessoas tão inteligentes e sensatas caem tanto neste engano tão palerma?

As mães querem proteger os filhos?

Claro que sim.

E o que é que quer dizer proteger?

Será que os vão incentivar a passar por uma experiência muito difícil sozinhos, que os pode colocar entre a vida e a morte, onde elas não

lhes podem dizer o que é que eles têm que fazer mas confiam que eles vão saber exactamente o que é que têm que fazer e o vão fazer bem mesmo sem elas darem palpites... E que elas só estão ali a ser mães, a nutri-los e a empurra-los para esse caminho que sabem que é muito doloroso... e os vêm sofrer muito e os encorajam para continuarem até ao fim e depois riem de alegria quando os vêm chorar porque finalmente viram que os filhos entraram num novo patamar da vida que lhes é desconfortável e os assusta?...

O que é curioso, é que aposto que nenhuma mãe vai responder a esta pergunta com um sim, muito menos com o entusiasmo de quem está pronta para viver em sofrimento e com a maior alegria a experiência que acabei de descrever...

O que é curioso, é que ainda não tenha sido provado cientificamente que todas as mães, sobretudo as que têm filhos adolescentes, sofrem profundamente de uma amnésia estranha!

Todas, mas todas, as mães já decidiram permitir que os seus filhos passassem por uma experiência muito parecida com a que eu, suavemente, descrevi.

Mesmo as que optaram por fazer cesariana!

Há alguma experiência mais dolorosa, traumática e perigosa do que o momento do nosso nascimento?

Há alguma mudança na nossa vida inteira que seja mais radical e assustadora do que essa?

Há algum momento em que estejamos mais perdidos, mais indefesos?!

É o primeiro momento em que não sabemos nada, e sabemos tudo. Só que ao longo da nossa vida esquecemo-nos que já nascemos com esse dom.

E esquecem-se as mães, e esquecem-se os filhos.

Durante toda a infância as mães permitem que os filhos tentem novos rumos, se aventurem em novos caminhos e encorajam-nos a viver muitas experiências onde a dor é inevitável. E só observam, encorajam e dão amor.

Passo a enumerar:

- Aprender a andar, quando tudo é gigante e só vemos joelhos
- Largar a chucha, que dói tanto e mete tanto medo
- Dormir sozinho, quando ainda há poucos meses havia todo o quentinho no nosso útero querido.
- Ir para a creche, onde já não somos os únicos, não conhecemos nada nem ninguém e nos sentimos completamente abandonados.
- O nascimento dos dentes, coisa horrivelmente dolorosa quando é só um dente, quanto mais todos ao mesmo tempo.
- Perceber que não somos a pessoa mais importante do mundo.
- Aprender a falar e, mais difícil ainda, fazer com que nos entendam
- Aprender a ler e a escrever
- Perceber o que é um grupo e encontrar o nosso lugar no grupo quando só temos seis anos e os grandes nos batem e não há ninguém lá para nos proteger.
- Levar vacinas, engolir comprimidos e todo esse leque de actividades que transformam qualquer consultório no pior dos filmes de terror...

Bem, podia gastar muitas mais páginas a enumerar verdadeiras provas de fogo pelas quais todos passamos e que nos marcaram incontornavelmente.

O que é que os pais fazem nessas alturas? Sorriem e confiam que seres tão pequeninos e indefesos são capazes de superar estes obstáculos. Encorajam, festejam cada pequena vitória, assinalam cada transformação!

Guardam os nossos dentes que vão caindo, juntamente com dezenas de fotografias de guerra onde se festejam vitórias das mais duras provas!

E porque é que na adolescência já não fazem isso?

Só porque têm amnésia, não vejo outra explicação.

De repente os pais esquecem-se de toda a confiança que sempre depositaram nos filhos, esquecem-se que foi por lhes terem transmitido toda essa confiança que eles acreditaram que eram capazes, e foram, de superar os obstáculos, de crescer e ir para a vida.

De repente, os pais acham que os filhos desaprenderam tudo o que aprenderam na última década.

Acham que os filhos já não sabem medir os perigos, já não conhecem os seus limites. É absurdo mas é verdade. Uma mãe acha o máximo que o filho saia do útero dela para um ambiente completamente desconhecido mas, treze ou catorze anos mais tarde, não o deixa sair de casa para ir à discoteca.

Ainda podia pôr a hipótese de que a mãe só deixa o filho passar por determinadas experiências quando ela está por perto... mas nem isso é verdade! Todos sabem o quanto pode ser duro, o que se vive numa cresce com três anos e as torturas que se podem experimentar na segunda classe com sete ou oito anos... Alguém viu por lá alguma mãe para ajudar ou proteger?!... Só no fim do dia, com um sorriso animado e um abraço que diz em silêncio: tem coragem e confia em ti como eu confio. Vais ver que vais conseguir!

E porque é que os pais mudam tão radicalmente de atitude na adolescência?!... Parece que quanto maiores somos maior é o medo que têm de não sermos capazes!

Só que não é bem isso.

É mais egoísta do que isso.

Os pais não têm medo de que os seus filhos não sejam capazes. Os pais têm medo de perder a ligação forte que têm com os filhos. É na

adolescência que os pais percebem mesmo, o quanto desesperadamente precisam dos seus filhos junto deles. É na altura em que os filhos começam a dar os primeiros passos para fora do ninho que os pais se assustam e pensam que não vão conseguir suportar a dor de ver o filho partir rumo à sua vida. É aí que se enchem de medo porque percebem o quanto precisam de ser o conforto e a resposta a todos os problemas dos filhos.

Mas como nunca foram, continuam a não ser.

Os filhos sempre que tiveram que aprender o que tinham que aprender, sozinhos. Ninguém ensina a mamar, a fazer xixi ou a andar. Os pais podem dar pistas, estimular, aconselhar, mas não podem ensinar. As crianças aprendem quando estão prontas para aprender. E todos festejam ao ritmo da criança!

Ou alguém se lembra de ficar de castigo por não ter dito as primeiras palavras no prazo estabelecido?!... Ou de ser ralhado por insistir em gatinhar para trás em vez de se por de pé e andar como um homem?!

Falo como mãe que sou, para que não me esqueça nunca do que estou aqui a dizer, e como filha que também sou, e pela zanga que pelos vistos ainda guardo por não terem confiado mais em mim, e por me terem complicado tanto a vida quando ela de si já não era fácil!

Percebo agora, ao ver-vos entrar na adolescência, que proteger é confiar que vocês são capazes. Proteger é incentivar-vos a avançar e alertar-vos para os perigos. Proteger-vos é, acima de tudo, ajudar-vos a encontrar o caminho para pensarem pela vossa própria cabeça. Proteger-vos é dar-vos o espaço e a liberdade para fazerem as vossas escolhas e sorrir orgulhosa de cada passo que vos vejo dar nesse sentido.

Proteger-vos é tapar as tomadas e desligar os aquecedores para que a curiosidade e a distração não vos magoem demais e incitar-vos a

levantarem-se sozinhos, tantas vezes quantas caírem com o rabo no chão ao tentarem dar um novo passo.

Proteger-vos é deixar-vos voar com segurança, ir estabelecendo limites para que não se percam num espaço demasiado grande, ao mesmo tempo que estes limites se vão abrindo lentamente, revelando novos horizontes, para que vocês possam encontrar os vossos talentos e concretizar os vossos sonhos!

Sim, filho, há coisas boas que doem. E não tenhas medo da dor porque, como sempre, eu vou estar cá com um beijinho daqueles que cura. Não tenhas medo de crescer, mesmo que doa. Eu tenho a certeza que estás preparado, já treinaste muito para isso. Porque cada obstáculo que tentaste ultrapassar e conseguiste, te tornou mais forte.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, que sempre me mostraste que eras capaz.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, que para viveres o que tens para viver só precisas de saber que eu confio em ti e que acredito que tu vais conseguir.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, o quanto é bom festejarmos as pequenas vitórias, mesmo que a mim não me façam sentido, como quando enchias uma folha cheia de riscos coloridos e dizias que era o meu retrato.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, que precisas de sentir alguns limites para a tua segurança, mas nenhum que te limite no teu crescimento.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, que só precisas de me sentir perto, não precisas que eu faça por ti.

Lembra-me, sempre que eu me esqueça, que continuas a precisar de rotinas e de desafios familiares e que eu não preciso de ter medo de contrariar as tuas birras, como nunca tive quando eras pequenino.

Lembra-me, sempre que me esqueça, que só estás a tentar fazer aquilo que sempre te disse que era preciso fazeres: aprenderes a pensar pela tua cabeça, fazeres as tuas escolhas e revelares-te ao mundo, como sempre o fizeste, ao teu ritmo!

Lembra-te tu também que o melhor remédio para as coisas que doem, sejam elas boas ou más, é a partilha. Todos os assuntos são hiper-importantes e não há emoções parvas. Continua a partilhar tudo de coração aberto, desde os medos às vitórias, mesmo que aches que eu não vou perceber nada.

Eu também nunca consegui perceber nada dos desenhos que tu fazias quando eras mais pequeno e não foi por isso que não os consegui sentir.

A única maneira de viver bem as coisas boas que doem é não ter que passar pela dor de sentirmos que as vivermos sozinhos.

Para as coisas boas e para as más...

Eu estou aqui!